

# Crónica

O silêncio, o bico de lacre e o baloiço

Que silêncio teu agora cegado (será da morte?) não tateia sequer simples flores? nem rosas de porcelana as tuas predilectas no quintal ávidas do teu tacto de pele de dedal. A vida faz-se do mesmo, lembrás? enquanto davas balanço ao baloiço comigo estonteado nas alturas das telhas da casa. Tenho ainda esses pedaços de pedras nas cores estontear-me a cabeça nas alturas do espaço ocupavam minha ilusão de cada vez o baloiço erguer-me no ar fresco entre palmeiras e mangueiras. O baloiço estava nas suas sombras. As rosas de porcelana não dançavam tanto. Ficavam inertes duras na vaidade das pétalas sobressaírem nos caules carnudos. Nesse tempo teus olhos verdes azulados no cinzento transparente percorriam os vasos, simetricamente ordenados à volta do pequeno lago com peixes onde aprendi amar as primeiras letras e simular poemas, a terra revolta expelindo ervas daninhas o silêncio dos teus olhos falavam com elas e cresciam mais ainda. Eu espreitava-te do lado de dentro da janela de bambu e sorria para o terço de minha irmã. Falavas com as flores. Seriam os teus olhos ou o silêncio deles que nessa altura sei topografavam tudo, também empurravam o baloiço comigo, tuas mãos na pétala de acácia, mais tarde abriam a porta de casa quando comecei a namorar, julgar-me pessoa afectiva que pensava saber dar e receber, fora de horas. Nunca te chamei só Adelaide mas avó, apenas, sem o teu nome próprio porque para mim o nome verdadeiro é avó, e segredava-lhe no amor contido um acolhimento apesar de escudado na alma ver hoje horizontes enormes desfigurados na minha vista também. É assim que morro hoje também avó, todos os dias, é assim que hoje vivo ingénuo, quase adormecido no que não amadureci, sinto-o apertado no que não posso ou consigo ser mais um entre tantos em baloiços diferentes que já não existem empurrados desiguais. Há pessoas que deviam ser conhecidas pelos carinhos que nos trazem onde crescer-mos por termos sido abraçados ignorantes. Mas sabes, avó, as tuas mãos sobre as rosas de porcelana e o pão com

manteiga e marmelada fizeram-me amar as palavras, rasurar até buracos o caderno da escola primária, eram anjos sobre a floração, constelações brancas magnéticas indefinidas no esparso rumor que um dia não te



sabia perder. Hoje não te tenho e as corolas de todas as flores belas não abrem o mesmo silêncio, como o bico de lacre sob as nuvens na violência das asas tem a suavidade ao sorver o néctar, assim um tropel procura por mim o teu silêncio como respirar a água por volteios onde uma mão disperse um equilíbrio, eu nele com barquinhos em papel simples sem vento pela proa, mas ouvirste palavras cegadas do frémito na tua simplicidade. Adelaide foi teu nome sempre que ouvi, para mim só avó de quem tive gestos meigos, penso eu, assim que tive alma e razão teimoso no namorico antes de ser grande mas agora dizem que sou, tu não estás, a recortar rosas de porcelana para nascerem erectas firmes na tua terra lavrada no pequenino jardim das tuas mãos que baloiçavam também o baloiço comigo agarrado a um pão suculento com marmelada e manteiga, eu vaidoso, desde pequenino, nesses carinhos que ainda sinto na pele da cara ou quase no tronco onde o coração pulsa recôndito teimoso sempre do lado esquerdo mas o meu, avó Adelaide, está-me na boca aos pulos traquinas, apreender palavras novas talvez ingénuo, parece no espelho onde retrato o teu perfil esguio seco em olhos

coloridos onde cabem mar nebulosas cinzentas, aconchego de coisas fúteis e as mãos, avó, no trépido como o bico de lacre acelerarem quase ao bafo o que os olhos queriam distanciar. Hoje começo os dias a ter apenas

fotografias dos meus. Não que as colecione mas um refúgio para ter-vos não na cabeceira mas saber-vos ali onde me corréi os dias, a incerteza de parques onde ser criança porque um nome é incompleto, mas uma flor pegue nele depois ofereça-o à abelha e deixe o pólen ir como parte resignada num beijo ou abraço ou torreão ocre ou asas que os pais tinham sem saberem por voarem mais silenciosos, através de juncos e acácias, nascidas frágeis, entortadas dos ventos, voavam mais silenciados,

omitindo preces e rascunhos de



livros futuros talvez bonitos onde cabiam afinal uma revolta íntima quase igual em todos. Mas tu sempre voaste afinal, avó. Sempre leste os que as flores diziam para mim em voz alta, radiante saber as primeiras letras com o pão de marmelada amanteigado sôfrego por me atirares ao ar e ver ramagens telhas e tu, pequenina, entrelaçar pétalas que cheiravam a mel a terra a chuvinha ou cacimba que meus lábios se pegavam, tu, avó eras pequenina de cada vez que eu subia à altura das telhas da casa num baloiço do teu tempo, compassado, mordido silencioso pautado nos olhos onde havia tudo.

Paço de Arcos, Maio 2009